

FRANCISCO JOSÉ NUNES MIRA

**Validação do *Sexual Self-Disclosure Questionnaire*
numa Amostra Portuguesa**

Orientadora: Patrícia Pascoal

Universidade Lusófona de Humanidade e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

FRANCISCO JOSÉ NUNES MIRA

**Validação do *Sexual Self-Disclosure Questionnaire*
numa Amostra Portuguesa**

Dissertação defendida em provas públicas para a obtenção do Grau de Mestre em Psicologia Clínica e da Saúde, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, defendida dia 20 de Julho de 2017 com o Despacho de Nomeação de Júri nº 199/2017 com a seguinte composição:

Presidente- Professora Doutora Ana Prioste

Arguente- Professora Doutora Bárbara Nazaré

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Pascoal

Coorientação: Professor Doutor Pedro Rosa

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

2º Ciclo em Psicologia Clínica e da Saúde

Lisboa

2017

Agradecimentos

Enquanto estudante de psicologia, poder contribuir para o estudo da problemática da conjugalidade e das relações íntimas entre casais, nomeadamente na vertente da sexualidade, foi um enorme privilégio que devo antes de mais à Professora Doutora Patrícia Pascoal. O seu entusiasmo por esta área é absolutamente contagiante, a sua disponibilidade inexcedível e a sua orientação científica preciosa. Bem-haja.

Ao Professor Doutor Pedro Rosa agradeço igualmente a disponibilidade e o rigor que sempre demonstrou na orientação dos aspetos estatísticos do trabalho, sem os quais o mesmo não chegaria a bom porto. Muito obrigado.

Resumo

A comunicação é um constructo fundamental na compreensão e intervenção na conjugalidade. No que diz respeito à sexualidade conjugal, a autorrevelação sexual, enquanto ato de informar o parceiro sobre preferências relacionadas com a vida íntima do próprio, é um dos indicadores da comunicação sexual fundamental para compreender os processos envolvidos no efeito que a comunicação sexual tem na resposta sexual humana. O presente trabalho incide nos estudos de validação de um questionário de autorrevelação sexual, o *Sexual Self-Disclosure Questionnaire* (SSDQ; Byers & Demmons, 1999) na população portuguesa. Participaram neste estudo 663 indivíduos, com idades compreendidas entre os 18 e os 74 anos ($M = 32.61$, $DP = 9.26$). O protocolo de recolha de dados, foi constituído, além do SSDQ, por um questionário sociodemográfico e pela EASAVIC (Narciso & Costa, 1996). Os resultados permitem afirmar que a versão portuguesa do SSDQ demonstrou possuir boas qualidades psicométricas, nomeadamente a nível da validade fatorial, convergente e de fiabilidade, sendo adequada para uso em contexto de investigação.

Palavra-chave: pessoas em relação, comunicação, *Sexual Self-Disclosure Questionnaire* (SSDQ); estudos de validação.

Abstract

Communication is a key construct in the study of conjugality. Sexual self-disclosure - as in the the act of informing the partner about one's intimate preferences - is a crucial indicator to understand the effect that communication about sexual life has on the sexual conjugality. The present study focuses in the validation of a sexual self-disclosure questionnaire, the Sexual Self-Disclosure Questionnaire (SSDQ; Byers & Demmons, 1999) in the Portuguese population. A total of 663 subjects, aged between 18 and 74 ($M = 32.61$, $SD = 9.26$) participated in this study. The data collection protocol was constituted, in addition to the SSDQ, by a sociodemographic questionnaire and by the EASAVIC (Narciso & Costa, 1996). The results show that the Portuguese version of the SSDQ has good psychometric qualities, namely in terms of factorial and convergent validity as well as good reliability, therefore being suitable for use in a research context.

validity **Keywords:** partnered people, communication, *Self-Disclosure Questionnaire* (SSDQ), validation studies.

Siglas e Abreviaturas

α – alfa de *Cronbach*

% – Percentagem

DP – desvio-padrão

e.g. – *exempli gratia*

et al. – e outros colaboradores

EASAVIC – Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal

i.e. – *id est*

M – Média

Max – Valor máximo da amplitude dos valores

Min – Valor mínimo da amplitude dos valores

n – Número de sujeitos

p – Probabilidade associada ao valor do teste (p-value)

r – Coeficiente de correlação bivariada de *Pearson*

SSDQ – *Sexual Self-Disclosure Questionnaire*

Índice

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I – AUTORREVELAÇÃO.....	2
1.1. Autorrevelação Sexual	2
1.2. Terapia de Casal e Comunicação e Autorrevelação Sexual.....	4
1.3. Medidas de Autorrevelação Sexual	5
1.3.1. Sexual Self-Disclosure Scale (Herold & Way, 1988)	5
1.3.2. Sexual Self-Disclosure Scale (Snell, Belk, Papini, & Clark, 1989).....	5
1.3.3. Sexual Communication for Preferences (Quina, Harlow, Morokoff, Burkholder, & Deiter, 2000)	6
1.3.4. Sexual Self-Disclosure Scale for Taiwanese Adolescents (Chiou & Wan, 2006) 6	
1.3.5. Sexual Self-Disclosure Questionnaire (Byers & Demmons, 1999).....	6
CAPÍTULO II – MÉTODO	8
2.1. Participantes.....	8
2.2. Instrumentos.....	9
2.2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos.	9
2.2.2. O Questionário de Autorrevelação Sexual (SSDQ).	9
2.2.3. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).	9
2.3. Procedimentos	11
2.3.1. Tratamento dos dados omissos e Análise Estatística	11
CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	13
CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	19
REFERÊNCIAS.....	22

Índice de Tabelas

Tabela 1 Características Demográficas da Amostra	8
Tabela 2: Extração de Fatores com Respetivas Comunalidades da SSDQ	13
Tabela 3: Matriz de Correlações de Pearson do SSDQ com a EASAVIC	14
Tabela 4: Valores da Consistência Interna dos 12 Itens	15
Tabela 5: Caracterização das Respostas dos Participantes em cada Item	16

INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, o estudo dos sentimentos amorosos tem sido abordado por diferentes disciplinas, dos quais salientaremos apenas algumas, a título meramente ilustrativo. Em 1996, a socióloga Anália Torres, no seu ensaio *Divórcio em Portugal* constata que “a tendência atual quanto à conjugalidade vai no sentido da escolha do conjugue se fazer por critérios amorosos, mais do que isto, que sejam tais critérios a fundamentar, ao longo do tempo, a relação. Os critérios institucionais ou outros, externos à relação, perderam terreno”. Esta autora dá especial ênfase à mudança da natureza da conjugalidade que, na sociedade atual é essencialmente explanada e espera-se que seja mantida pelo vínculo amoroso. A antropóloga Helen Fisher (2008), para quem o amor é tido como um estímulo tão poderoso e natural como a fome, utilizou a técnica de Ressonância Magnética Funcional (fRMI) para mostrar o impacto do amor nas reações químicas do cérebro, concluindo que as mesmas têm uma base genética. Segundo a autora “o amor romântico está profundamente gravado no espírito humano (...) se a humanidade sobreviver neste planeta outro bilião de anos, esta força primordial de acasalamento continuará a prevalecer” (p.214).

As relações íntimas amorosas são uma vertente fulcral da vida adulta, tendo impacto não só na qualidade de vida social e profissional, bem como na saúde mental e física de homens e mulheres (Norgren, Souza, Kaslow, Hammerschmidt, & Sharlin, 2004). Uma das áreas da vida conjugal é a da sexualidade, estando a sexualidade conjugal fortemente associada à qualidade das relações amorosas (Yoo, Haring, & Gangamma, 2014). Neste sentido, compreender a sexualidade conjugal e os fatores que lhe estão associados é determinante para compreender e intervir na conjugalidade.

Tendo em conta a importância da autorrevelação sexual para a comunicação sexual em casais, o presente estudo visa contribuir para o aprofundamento do conhecimento nesta área através dos estudos de validação do *Sexual Self-Disclosure Questionnaire*, numa amostra portuguesa de 231 participantes do sexo masculino e 432 participantes do sexo feminino, num total de 663 pessoas heterossexuais numa relação de compromisso e exclusividade diádica.

CAPÍTULO I – AUTORREVELAÇÃO

Jourard e Lasakow (1958) definiram autorrevelação como a extensão de informação pessoal e privada que cada indivíduo partilha com os outros no processo de comunicação interpessoal. Neste sentido, esta é uma componente central da comunicação humana, uma vez que grande parte da comunicação humana (30-40% do nosso discurso diário) se faz para fornecer informação sobre nós próprios, em termos das nossas experiências, pensamentos e emoções (Dunbar, Marriot, e Duncan, 1997).

Um dos modelos teóricos que enfatiza a centralidade da comunicação humana é o da “Teoria das Trocas Sociais” (Social Exchange Theory, Homans, 1961) e tem servido para enquadrar o estudo da autorrevelação. Esta teoria postula que os indivíduos são motivados a envolver-se em atividades sociais que sejam gratificantes (das quais obtenham recompensa) e a evitarem as que lhe causam custos. Os indivíduos revelarão aos outros tanto mais de si próprios (autorrevelação) quanto perceberem que dessa exposição retirarão benefícios. Jourard (1971) afirmou que a autorrevelação não só providencia a obtenção das referidas recompensas, como é essencial para o funcionamento saudável de cada um. Recentemente Tamir e Mitchell (2012), demonstraram que revelar informação sobre si próprio é uma experiência gratificante, já que ativa nas regiões cerebrais a mesma sensação de prazer que temos quando recebemos dinheiro, comemos ou praticamos sexo. Contudo, uma exposição inapropriada pode mesmo ter custos elevados para o indivíduo, deixando-o vulnerável às críticas e julgamentos dos outros (Derlege & Gurnide-Stephen, 1971). Consequentemente, a reciprocidade, ou a perceção de existência de reciprocidade da autorrevelação, implica um grau de exposição e vulnerabilidade semelhantes entre os elementos da troca comunicacional, e é fundamental para determinar o grau de autorrevelação existente em contexto de trocas sociais.

1.1. Autorrevelação Sexual

A sexualidade abarca um largo espectro de atitudes e comportamentos. Na abordagem da sexualidade do casal um dos aspetos mais relevantes tem a ver com o tipo e qualidade de comunicação dos parceiros, tendo-se verificado que existia uma menor

comunicação referente aos aspetos sexuais da relação do que aquela que existia noutros tópicos (Jourard & Lasakow, 1958; Melika, 1962).

Vários estudos sugerem que os casais que mantêm e desenvolvem ao longo do tempo uma relação satisfeita sexualmente, fazem-no através da comunicação global e da comunicação sexual em particular (Cupach & Metts, 1991; MacNeil & Byers, 1997, 2005; Purnine & Carey, 1997). Complementarmente, a evidência empírica tem também demonstrado que as pessoas que revelam mais sobre a sua sexualidade sofrem menos perturbações de disfunção sexual (Rehman, Rellini, & Fallis, 2011).

Os investigadores há muito que se debruçaram sobre o estudo das determinantes das relações íntimas satisfatórias (Bradbury, Fincham, & Beach, 2000). Não obstante, na grande variedade de tipos de relacionamento estudados, a satisfação com os aspetos sexuais da comunicação entre o casal parece constituir-se como um dos fatores com maior impacto no desenvolvimento de relações íntimas fortes e satisfatórias a nível da sexualidade do casal (Yoo et al., 2014).

Os mecanismos pelos quais a autorrevelação sexual tem impacto na satisfação sexual não estão completamente estudados, mas Cupach e Metts (1991) apontaram duas vias explicativas para esta relação: a via instrumental e a via afetiva.

A via instrumental postula que a revelação do que cada um gosta, ou não, a nível sexual conduz à obtenção de mais do que se gosta e menos do que não se gosta, aumentando assim o grau de satisfação sexual. Esta via é sustentada pela investigação empírica, nomeadamente por diferentes estudos que concluíram que os parceiros masculinos e femininos que reportaram maior autorrevelação sobre os seus gostos e não gostos sexuais, também reportaram maior satisfação sexual (Byers & Demmons, 2010; Herold & Way, 1988; MacNeil & Byers, 1997, 2005). Estes dados são suportados implicitamente por estudos que demonstraram que casais que procuram terapia sexual, são menos comunicativos e têm menor capacidade no que refere à extensão da sua autorrevelação quer geral quer sexual, em comparação com os casais sexualmente satisfeitos (Chesney, Blakeney, Cole, & Chan, 1981; Hoch, Safir, Peres, & Shepher, 1981).

No que respeita à outra via, a via afetiva, a comunicação das preferências sexuais de cada um, tem impacto na relação do casal pela promoção da intimidade o que, implicitamente, aumenta também o grau de satisfação sexual. Este dado é sustentado pela literatura, nomeadamente pelo trabalho de Clark e Reis (1998) que

encontraram uma relação significativa entre intimidade, extensão e profundidade de autorrevelação de natureza pessoal entre os casais.

No casal amoroso, quer a comunicação em geral, quer a autorrevelação sexual em particular, são fatores importantes para a satisfação e qualidade conjugal. Esta relação é bidirecional, tendo ficado demonstrado que quer a autorrevelação sexual, quer a autorrevelação não sexual afetam positivamente o grau de satisfação conjugal e sexual, o mesmo se verificando em sentido inverso, ou seja, a satisfação tem impacto na comunicação (Cupach & Metts, 1991).

1.2. Terapia de Casal e Comunicação e Autorrevelação Sexual

O relacionamento conjugal está fortemente associado à saúde e à qualidade de vida, principalmente na idade adulta. No entanto, o facto de uma relação perdurar não significa que a mesma seja satisfatória (Spanier & Lewis, 1980; Kaslow & Hammerschmidt, 1992), razão pela qual muitos casais procuram a terapia como forma de resolver os seus problemas e/ou aumentar a sua satisfação conjugal.

Muitos estudos têm procurado identificar as características diferenciais dos casamentos satisfeitos de longa duração (Kaslow & Hammerschmidt, 1992; Karlow, Hansson, & Lundblad, 1994; Kaslow & Robinson, 1996). Os autores Sharlin, Kaslow, e Hammerschmidt (2000) publicaram o primeiro grande trabalho multicultural sobre este tema, apresentando dados dos Estados Unidos da América, Canadá, África do Sul, Chile, Alemanha, Holanda, Suécia e Israel. Os seus resultados permitiram concluir que em diferentes países as relações conjugais satisfatórias caracterizavam-se por apresentar: boa habilidade de resolução de conflitos; confiança mútua; compromisso com o outro; amor e respeito mútuos; habilidade em dar e receber; sensibilidade aos sentimentos do outro; sistema de valores e interesses comuns; crença na dimensão espiritual da vida; comunicação aberta e honesta entre os parceiros.

Casais satisfeitos parecem ser capazes de desenvolver padrões de comunicação adequados (Minuchin, 1990; Olson, 1988), o que é considerado por vários autores por sua vez como essencial para a satisfação conjugal (Gottman & Krokoff, 1989; Kaslow & Robinson, 1996; Sharlin et al., 2000).

A terapia de casal centra-se frequentemente na criação de maior intimidade, sendo os membros do casal encorajados a revelarem as suas emoções e sentimentos não

expressos, enquanto o cônjuge é treinado na escuta ativa, no não-julgamento e na aceitação (Ziv-Belman, 2013).

Através do treino da comunicação focada na autorrevelação geral e sexual, é possível prevenir ou diminuir os problemas sexuais do casal (Clark & Reis, 1998; Cupach & Metts, 1991). A ajuda do terapeuta pode revelar-se particularmente necessária na partilha de temas relacionados com a intimidade sexual, já que os indivíduos tendem a ser mais reservados nesta área, sobretudo no que se refere ao que não gostam (Ziv-Belman, 2013).

1.3. Medidas de Autorrevelação Sexual

Ao longo dos anos alguns investigadores desenvolveram varias escalas visando medir a autorrevelação sexual. Seguidamente apresenta-se uma abordagem sumária de algumas escalas já existentes e que abordam o conceito de autorrevelação sexual, *ie.*, *sexual self-disclosure*.

1.3.1. *Sexual Self-Disclosure Scale* (Herold & Way, 1988)

Este instrumento inclui 6 itens que abarcam a revelação ao parceiro de conteúdos diversos, tais como os aspetos morais do sexo, as relações sexuais pré-maritais, o uso da contraceção, o sexo oral e a masturbação, os pensamentos ou as técnicas preferidas, as dificuldades ou fantasias sexuais. Os autores providenciam uma escala de respostas que vão do 1 (não disse nada à pessoa sobre mim deste tema) ao 4 (disse tudo em detalhe à pessoa sobre este tema), sendo valores mais altos são indicativos de maior autorrevelação

1.3.2. *Sexual Self-Disclosure Scale* (Snell, Belk, Papini, & Clark, 1989)

Originalmente esta escala (SSDS) era constituída por 120 itens que se agrupavam em 12 fatores, tendo mais tarde sido efetuada uma revisão (*SSDS-Revised*), a ser aplicada apenas aos parceiros íntimos, composta por 72 itens e 24 áreas, divididas em 4 categorias: comportamentos sexuais, valores e preferências sexuais, atitudes sexuais e afetos sexuais. Em ambas as escalas é pedido aos inquiridos que indiquem, numa escala de 1 a 5, a extensão da autorrevelação ao parceiro na categoria mencionada, sendo os valores mais altos indicativos de maior autorrevelação.

1.3.3. *Sexual Communication for Preferences* (Quina, Harlow, Morokoff, Burkholder, & Deiter, 2000)

Esta subescala faz parte da Sexual Assertiveness Scale (Escala de Assertividade Sexual) realizada por Quina e colaboradores (2000), e incide nas preferências pessoais a nível das atividades sexuais dos interrogados. É formada por 6 itens (ex. “Digo ao meu parceiro o que não me agrada no sexo” ou “Digo ao meu parceiro para parar se ele me toca dum modo que não me agrada”) que avaliam o grau em que os indivíduos comunicam ao parceiro aquilo que gostam ou não durante o sexo, ou o que os faz sentir bem. Num estudo realizado com uma amostra de mulheres maioritariamente caucasianas (Quina et al., 2000), estes autores concluíram que a comunicação das preferências era um dos componentes da assertividade sexual.

1.3.4. *Sexual Self-Disclosure Scale for Taiwanese Adolescents* (Chiou & Wan, 2006)

Os inquiridos classificam a frequência de autorrevelação, sobre cada tópico, que fazem tanto na vida real como no ciberespaço, num conjunto de 16 itens. Em relação a cada uma as afirmações os indivíduos classificam até que ponto é provável que a autorrevelação ocorra, usando uma escala de seis pontos, que vão desde “nada provável revelar” até “muito provável revelar”, em que os valores mais altos correspondem a uma maior autorrevelação.

1.3.5. *Sexual Self-Disclosure Questionnaire* (Byers & Demmons, 1999)

Este questionário, que constitui o foco do presente trabalho, apresenta a vantagem de ser curta e de fácil aplicação, sendo constituída por 12 itens que avaliam até que grau o participante comunica ao seu parceiro sobre o que gosta e não gosta, sexualmente. As respostas são dadas numa escala tipo *Likert* de 7 pontos, de 1 (disse nada) a 7 (disse tudo). Este tipo de questionários de autorrevelação, onde é inquirido o que o indivíduo gosta e não gosta, são segundo alguns autores (Byers & Demmons, 2010; Herold & Way 1988; MacNeil & Byers, 1997, 2005) os mais indicados para garantir a objetividade nos dados recolhidos. Este instrumento foi aplicado em dois estudos, (Byers & Demmons, 1999; MacNeil & Byers, 2009), tendo ambos demonstrado que maiores níveis de autorrevelação sexual por parte dos parceiros contribuem para níveis mais elevados da satisfação relacional, a qual por sua vez se

associa a uma maior satisfação sexual, tanto para homens como para mulheres. De referir que no estudo de MacNeil e Byers (2009) a autorrevelação sexual mostrou ainda ser um bom preditor da autorrevelação do parceiro em domínios não-sexuais, sendo ainda de referir que para os participantes que completaram todos os 12 itens, foi encontrada uma consistência interna muito boa, com valores do alfa de *Cronbach* de .94 nos homens e de .92 nas mulheres (MacNeil & Byers, 2009).

Escolheu-se o *Sexual Self-Disclosure Questionnaire* por ser curto e de fácil aplicação à população, ter validade facial, e pela inexistência de estudos que atestem a sua validade de constructo, o que permite dar um importante contributo na área a nível internacional.

CAPÍTULO II – MÉTODO

2.1. Participantes

A amostra não probabilística e de conveniência, foi recolhida *online* através de um inquérito lançado na internet. A participação foi voluntária, tendo sido obtido o consentimento informado, garantindo o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos. Os critérios de inclusão e exclusão referiram-se a pessoas heterossexuais em relações diádicas de exclusividade e sem problemas sexuais. Foram obtidos 663 protocolos válidos, dos quais 34.8% ($n = 231$) eram do sexo masculino e 65.2% ($n = 432$) eram do sexo feminino, com idades que variaram entre os 18 e os 74 anos ($M = 32.61$, $DP = 9.26$), e com um nível de escolaridade que vai desde o ensino primário .6 % ($n = 4$) até pós-graduação/diploma profissional 38.2 % ($n = 253$). Relativamente ao tipo de relação, 27.3% ($n = 181$) eram casados, 30.4% ($n = 202$) encontram-se em união de facto e 39.2% ($n = 262$) referem uma relação de namoro exclusiva (ver Tabela 1).

Tabela 1

Características Demográficas da Amostra

	<i>n</i>	%
Sexo		
Masculino	231	34.8
Feminino	432	65.2
Escolaridade		
Ensino primário	4	.6
Ensino básico	13	1.96
Ensino secundário	124	18.70
Licenciatura	262	40.6
Pós-graduação/diploma profissional	253	38.2

Tipo de relação		
Casados	181	27.3
União de facto há mais de um ano	150	22.6
União de facto há menos de um ano	52	7.8
Relação de namoro exclusiva	260	39.2
Outras	19	2.9
	<i>M</i>	<i>DP</i>
Idade	32.61	9.26

2.2. Instrumentos

2.2.1. Questionário de Dados Sociodemográficos.

Este questionário avaliou os dados sociodemográficos dos participantes, sendo constituído por questões, que apuraram a idade, o género, situação relacional/estado civil e habilitações literárias.

2.2.2. O Questionário de Autorrevelação Sexual (SSDQ).

O *Sexual Self-Disclosure Questionnaire* é um instrumento composto por 12 questões destinadas a avaliar até que ponto é comunicado ao parceiro o que se gosta e não gosta em termos sexuais. As respostas são dadas numa escala tipo *Likert*, de 7 pontos, que varia entre 1 (disse nada) e 7 (disse tudo). Esta escala apresenta uma boa fiabilidade, com valores do alfa de *Cronbach* superiores a .90 em estudos efetuados separadamente com homens e mulheres (MacNeil & Byers, 2009).

2.2.3. Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC).

A Escala de Avaliação da Satisfação em Áreas da Vida Conjugal (EASAVIC), foi desenvolvida em 1996 por Isabel Narciso e Maria Emília Costa, partindo do pressuposto que a satisfação conjugal é resultante de uma avaliação subjetiva e pessoal do relacionamento, devendo, então, ser avaliada por factores próprios do indivíduo. É um instrumento de auto avaliação da satisfação experienciada em várias áreas da vida conjugal relativamente a duas dimensões da conjugalidade: Funcionamento Conjugal e

Amor. Funcionamento Conjugal, definido como “o modo como se organizam e regulam as relações no meio conjugal e/ou familiar, e as relações com sistemas extra-familiares” (Narciso & Costa, 1996). Amor, definido como “sentimentos que cada um nutre pelo outro e/ou pela relação, estando pois presentes de um modo mais ou menos explícito, atributos inerentes aos componentes do amor: paixão, intimidade e investimento/compromisso” (Narciso & Costa, 1996). Esta escala, de aplicação individual e com um tempo médio de resposta de 10 minutos, foi desenvolvida em Portugal, aplicada e validada para a população portuguesa masculina e feminina (Narciso & Costa, 1996). Este instrumento pode ser aplicado a indivíduos casados ou em união de facto e através da sua aplicação pretende-se que cada indivíduo avalie o seu grau de satisfação em relação à conjugalidade, como algo pessoal e subjetivo, afastando assim um critério de avaliação que seja externo aos indivíduos. É constituída por 44 itens que são referentes a 10 áreas da vida conjugal. As primeiras 5 áreas (funções familiares, tempos livres, autonomia, relações extrafamiliares e comunicação e conflitos) são relativas à dimensão Funcionamento Conjugal e as segundas 5 áreas (sentimentos e expressão de sentimentos, sexualidade, intimidade emocional, continuidade e características físicas e psicológicas) relativas à dimensão Amor (Narciso & Costa, 1996). Dos 44 itens constituintes da escala, 16 têm como foco o casal (1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 14, 15, 16, 17, 18, 25, 28, 35, e 38), 14 têm como foco o outro (8, 11, 13, 20, 22, 24, 27, 30, 32, 34, 37, 40, 42 e 44) e 14 têm como foco o próprio (9, 10, 12, 19, 21, 23, 26, 29, 31, 33, 36, 39, 41 e 43) (Narciso & Costa, 1996).

Consiste numa escala de autopreenchimento, com escala de resposta de tipo *Likert*, com seis hipóteses de resposta, podendo o indivíduo referir-se à sua satisfação como: “1-nada satisfeito(a)”, “2-pouco satisfeito(a)”, “3-razoavelmente satisfeito(a)”, “4-satisfeito(a)” “5-muito satisfeito(a)” e “6-completamente satisfeito(a)”. Os níveis de satisfação são avaliados recorrendo à cotação total que pode variar entre 44 e 264 pontos (correspondendo esta a maior satisfação conjugal), permitindo ainda avaliação de cotações por dimensão (funcionamento conjugal e amor), subdimensão e foco (o próprio, o outro, o casal).

A EASAVIC tem sido utilizada em diversas investigações, nas quais evidenciou boas propriedades psicométricas (Dias, 2009). Esta escala, na sua versão original (Narciso & Costa, 1996) foi aplicada a uma amostra de 219 indivíduos casados, revelando fortes índices de consistência e precisão, apresentando alfas de *Cronbach* (α) superiores a (α) de .90, nomeadamente (α) .97 na dimensão Amor e (α) .90 na dimensão

do Funcionamento Conjugal o que nos leva a concluir que este instrumento possui uma elevada consistência interna (Narciso, 2001).

Na presente investigação foram apenas consideradas as pontuações referentes às subdimensões, Sexualidade (itens 23 a 28; ex.: “O desejo sexual que sinto pelo meu cônjuge” ou “A qualidade das nossas relações sexuais”) e Intimidade Emocional (itens 29 a 37; ex.: “O apoio emocional que dou ao meu cônjuge” ou “A confiança que o meu cônjuge tem em mim”), da escala. No estudo original (Narciso & Costa, 1996) a escala mostrou boa consistência interna, sendo que a dimensão *Amor* apresentou um coeficiente alfa de Cronbach de .97, e a dimensão *Funcionamento* apresenta um alfa de Cronbach .90. A escala apresentou igualmente, bons indicadores de validade concorrente ($r = .76$) com a Escala de Satisfação Global de Glenn e Weaver (1981) (Narciso & Costa, 1996).

No presente estudo os valores da consistência interna foram de $(\alpha) = .72$ para a *Sexualidade* e de $(\alpha) = .72$ para a *Intimidade Emocional*.

2.3. Procedimentos

O presente trabalho foi desenvolvido no âmbito de um projeto mais amplo de doutoramento financiado pela FCT (SFRH / BD / 39934 / 2007) e foi submetido a apreciação deontológica, tendo recebido parecer favorável. O estudo foi lançado numa plataforma *online* através de um programa desenhado especificamente para este projeto, com opção de ausência de resposta. O *link* para o URL onde esteve alojado o estudo foi divulgado através das redes sociais. Os critérios de inclusão foram: ser maior de idade; ser heterossexual; estar numa relação diádica exclusiva; não possuir diagnóstico de disfunção sexual.

2.3.1. Tratamento dos dados omissos e Análise Estatística

A análise dos valores omissos revelou que a sua percentagem é baixa, variando entre .8 % e 1.5% no SSDQ e entre 5.1 % e 6.5 % na EASAVIC. Face à reduzida percentagem de valores omissos, não se realizou imputação de dados, tendo sido os casos com *missings* excluídos da análise (Tabachnick & Fidell, 2012).

Para a identificação de *outliers* multivariados foram seguidas as orientações de Tabachnick e Fidell (2012), tendo sido removidos 54 casos para um valor crítico $\chi^2(12) = 32.9$ para um nível de significância de .001. Não foram encontrados problemas de multicolinearidade, apresentando todos os itens do questionário uma *Tolerance* > 1 e

um *Variance Inflation factor* < 10 . (e.g., Hair, Anderson, Tatham, & Black, 1995; Kennedy, 1992). O critério para a deteção dos *outliers* multivariados foi a distância de *Mahalanobis*.

A amostra final ($n = 609$) foi adequada para a realização de uma Análise Fatorial Exploratória (AFE) através da fatorização por eixos principais ($n > 300$) (Tabachnick & Fidell, 2012), apresentando um rácio de participantes por item superior a 5 (Bryant & Yarnold, 1995).

Toda a análise estatística foi efetuada através do *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) v.22.0 para o sistema operativo *Macintosh*. Numa primeira fase, a validade de constructo foi examinada com uma Análise Fatorial Exploratória (AFE), realizada com o método de extração pela fatorização do eixo principal e com rotação *Varimax*. Os índices de adequabilidade do modelo, mais especificamente o teste de *Kaiser-Meyer-Olkin* (KMO) e o teste de esfericidade de *Bartlett*, bem como os valores de saturação nas componentes (*factor loadings*) e comunalidades permitiram avaliar a estrutura do instrumento. Apenas os itens com cargas fatoriais superiores a .50 foram considerados como aceitáveis (Maroco, 2010). Após a identificação da estrutura fatorial, a fiabilidade foi examinada através análise de consistência interna, com o alfa de *Cronbach*. A fiabilidade das escalas foi considerada aceitável se fosse superior a .7 (Nunnally, 1978). O coeficiente de correlação bivariada de *Pearson* permitiu analisar a validade convergente entre os scores do SSDQ e os *scores* das subdimensões “Sexualidade” e “Intimidade Emocional” da EASAVIC. Todos os testes foram realizados para um nível de significância de .05.

CAPÍTULO III – ANÁLISE DOS RESULTADOS

Validade de Constructo

Para avaliar a validade de constructo, nomeadamente a validade fatorial foi realizada uma AFE. O valor do KMO foi de .90 e o teste de *Bartlett* apresentou uma significância de $p < .001$, o que indica que os dados eram adequados para análise (Maroco, 2010). Foi extraído apenas um fator, onde todos os itens apresentaram valores de saturação adequados ($> .50$), o qual explicou 64.6% da variância total (ver Tabela 2).

Tabela 2

Extração de Fatores com Respetivas Comunalidades da SSDQ

Item		<i>Fator</i>	h^2
SSDQ1	De que forma gosta de ser beijada/o?	.72	.52
SSDQ2	De que forma não gosta de ser beijada/o?	.78	.56
SSDQ3	De que forma gosta de ser tocada/o sexualmente?	.79	.71
SSDQ4	De que forma não gosta de ser tocada/o sexualmente?	.83	.68
SSDQ5	De que forma gosta de ter relações sexuais?	.77	.68
SSDQ6	De que forma não gosta de ter relações sexuais?	.81	.70
SSDQ7	De que forma gosta de receber sexo oral?	.82	.67
SSDQ8	De que forma não gosta de receber sexo oral?	.83	.72
SSDQ9	De que forma gosta de dar sexo oral?	.83	.69
SSDQ10	De que forma não gosta de dar sexo	.85	.76

		oral?	
SSDQ11	O que quanto gosta da quantidade e da variedade da sua vida sexual?	.68	.55
SSDQ12	O quanto não gosta da quantidade e da variedade da sua vida sexual?	.63	.51
Eigenvalue		8.10	
% Variância Total		64.60	

Validade Convergente

Para avaliar a validade convergente, procedeu-se ao cálculo das correlações do SSDQ com as subescalas Sexualidade e Intimidade Emocional da EASAVIC, assim como com a totalidade desta escala, tendo os resultados (ver Tabela 3) sido positivos e significativos ($p < .001$) com valores que indicam uma validade convergente moderada na Sexualidade, e uma validade convergente fraca na Intimidade Emocional, o que permite aceitar a existência de validade convergente.

Tabela 3

Matriz de Correlações de Pearson do SSDQ com a EASAVIC

	Sexualidade	Intimidade Emocional	Score Total EASAVIC
SSDQ Total	.35***	.21***	.26***
Sexualidade	-	.59***	.72***
Intimidade Emocional		-	.93***

Nota *** $p < .001$

Fiabilidade

Seguidamente, a fiabilidade do SSDQ foi avaliada através da análise da consistência interna do questionário total pelo alfa de *Cronbach* (ver Tabela 4), tendo sido obtido um valor do alfa de *Cronbach* para a escala total de .95, considerado excelente. Verificou-se, através dos valores de correlação item-total corrigida com a escala total, que todos os itens apresentavam um valor de correlação com o total do questionário igual ou superior a .70, com um valor médio da correlação inter-item de .64, e não foi identificado qualquer item que, caso fosse eliminado, incrementasse o valor de alfa. Com base nestes resultados, foram mantidos todos os itens iniciais que constituem o Questionário de Autorrevelação Sexual (SSDQ).

Tabela 4

Valores da Consistência Interna dos 12 Itens

Item		Correlação item total corrigida	Alfa se o item for excluído
SSDQ1	De que forma gosta de ser beijada/o?	.71	.95
SSDQ2	De que forma não gosta de ser beijada/o?	.74	.95
SSDQ3	De que forma gosta de ser tocada/o sexualmente?	.81	.95
SSDQ4	De que forma não gosta de ser tocada/o sexualmente?	.81	.95
SSDQ5	De que forma gosta de ter relações sexuais?	.80	.95
SSDQ6	De que forma não gosta de ter relações sexuais?	.82	.95
SSDQ7	De que forma gosta de receber sexo oral?	.79	.95
SSDQ8	De que forma não gosta de receber sexo oral?	.83	.95
SSDQ9	De que forma gosta de dar sexo oral?	.81	.95
SSDQ10	De que forma não gosta de dar sexo oral?	.85	.95

SSDQ11	O que quanto gosta da quantidade e da variedade da sua vida sexual?	.72	.95
SSDQ12	O quanto não gosta da quantidade e da variedade da sua vida sexual?	.70	.95

Sensibilidade

Com o objetivo de caracterizar as respostas dadas do questionário SSDQ e analisar a sua sensibilidade, foi realizada a análise descritiva baseada na média, desvio-padrão, mínimo e máximo, assim como o cálculo dos valores de assimetria, curtose e percentagem de casos com respostas omissas para os 12 itens que o constituem e para o valor total do questionário (ver Tabela 5).

Tabela 5

Caracterização das Respostas dos Participantes em cada Item

Item	Média	DP	Assim.	Curtose	Omissos (%)	Efeito chão(%)	Efeito teto(%)
De que forma gosta de ser beijada/o?	5,12	1.86	-.88	-.34	1.0	6.8	28.4
De que forma não gosta de ser beijada/o?	4.91	2.04	-.67	-.87	0.8	10.4	30.3
De que forma gosta de ser tocada/o sexualmente?	5.62	1.43	-1.12	.70	1.0	1.0	32.8
De que forma não gosta de ser tocada/o sexualmente?	5.41	1.73	-1.03	.11	1.0	4.0	35.8
De que forma gosta de ter	5.79	1.35	-1.28	1.27	1.0	0.8	35.5

relações sexuais?							
De que forma não gosta de ter relações sexuais?	5.50	1.71	-1.14	.32	1.3	3.8	37.8
De que forma gosta de receber sexo oral?	5.44	1.77	-1.17	.41	1.5	6.0	36.0
De que forma não gosta de receber sexo oral?	5.15	1.99	-.88	-.50	1.3	9.5	35.3
De que forma gosta de dar sexo oral?	5.39	1.82	-1.09	.11	1.3	6.0	36.8
De que forma não gosta de dar sexo oral?	5.13	2.00	-.85	-.57	1.5	9.0	34.5
O que quanto gosta da quantidade e da variedade da sua vida sexual?	5.43	1.56	-1.04	.42	1.0	2.5	29.7
O quanto não gosta da quantidade e da variedade da sua vida sexual?	5.05	1.94	-.76	-.65	1.0	7.6	30.8
Score Total	63.74	17.53	-.88	.04	0.8	5.6	33.6

Os itens que apresentaram maior dispersão nas respostas foram o SSDQ2 ($M=4.91$, $DP=2.03$), SSDQ10 ($M=5.13$, $DP=2.00$), SSDQ8 ($M=5.15$, $DP=1.99$) e o SSDQ12 ($M=5.05$, $DP=1.94$), tendo todos os itens apresentado uma amplitude de

variação cobrindo a amplitude da escala ($Min=1$, $Max=7$). O efeito chão variou entre 1.0 e 10.4% enquanto o efeito teto variou entre 28.4 e 37.8%, não tendo nenhum item da escala apresentado um efeito chão e um efeito teto superior a 50%, enquanto para o valor total do questionário o efeito chão foi de .5% e o efeito teto foi de 12.3%. O SSDQ apresentou, em todos os itens, uma percentagem inferior a 10% de dados omissos, sem efeitos chãos ou teto superiores a 80% (Hilari, Byng, Lamping, & Smith, 2003), confirmando a sua aceitabilidade. Todos os itens, assim como o questionário total, não apresentaram desvios moderados em relação à normalidade, uma vez que em nenhum caso se verificaram valores de assimetria e curtose superiores aos valores de corte recomendados (3 e 7, respetivamente) (Kline, 2001), o que permite concluir que os itens que constituem este instrumento apresentam uma adequada sensibilidade.

CAPÍTULO IV – DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Face à relevância do tema e dada a falta de estudos a nível nacional sobre a autorrevelação sexual, foi objetivo do presente estudo examinar as qualidades psicométricas do SSDQ.

Na sua versão original, o SSDQ possui uma única dimensão, proposta teoricamente, mas nunca demonstrada empiricamente, e os resultados obtidos no nosso estudo são congruentes com este facto, uma vez que os resultados da análise fatorial exploratória por nós efetuada evidenciaram a presença de um único fator, o qual foi responsável por 64.6% da variância explicada. Deste modo, os nossos resultados suportam a utilização do SSDQ como escala unidimensional com estrutura semelhante à do instrumento na sua versão original proposta por Byers e Demmons (1999)

A versão portuguesa do SSDQ mostrou possuir, de acordo com os critérios de Nunnally (1978), uma excelente consistência interna, com um valor do alfa de *Cronbach* de .95, o que indica uma elevada fiabilidade, semelhante à que tinha sido descrita pelos autores da versão original, que reportaram valores muito próximos destes (.94), enquanto num estudo mais recente, MacNeil e Byers (2009), obtiveram valores idênticos de alfa (.94 para o sexo masculino e .92 para o sexo feminino).

A análise dos valores obtidos nas correlações inter-item mostrou que alguns dos itens poderiam ser redundantes, e daí poder considerar-se a possibilidade da sua eliminação. Contudo, optámos por manter os 12 itens da escala, uma vez que, por um lado, mesmo nessas circunstâncias o valor da consistência interna do instrumento não era afetado, e por outro, não encontramos evidência de incremento do valor do alfa caso se procedesse à exclusão de algum item.

A validade convergente da versão portuguesa do SSDQ foi testada usando para o efeito as dimensões “Sexualidade” e “Intimidade Emocional” da escala EASAVIC. Os valores de correlação obtidos indicam moderada validade convergente com estas duas dimensões.

Foi verificada uma associação moderada, no sentido esperado, entre o SSDQ e a satisfação com a dimensão Sexualidade do EASAVIC, o que demonstra que a escala se relaciona de forma teoricamente esperada com constructos próximos e relevantes. Como salientam Sánchez-Fuentes, Santos-Iglesias e Sierra (2014), a satisfação sexual está

diretamente e positivamente associada à qualidade e quantidade da autorrevelação, o que pode explicar a magnitude da associação com a dimensão sexualidade da EASAVIC. Relativamente à dimensão Intimidade Emocional a associação verificada, embora significativa, foi de magnitude fraca, a qual se poderá explicar pelo facto de a autorrevelação sexual, tal como é avaliada pelo SSDQ, e a intimidade emocional, avaliada através da EASAVIC, sendo constructos próximos não são equivalentes,. Embora a autorrevelação sexual seja uma boa indicadora do nível de intimidade da relação (Wheless, Wheless, & Baus, 1984), a intimidade emocional pode incluir outros indicadores (e.g., proximidade, partilha), que não são necessariamente sexuais (Purnine & Carey, 1997) o que pode explicar que a associação entre o SSDQ e a subescala da intimidade emocional seja baixa.

Globalmente pode dizer-se que se encontraram resultados de convergência no sentido esperado, com uma magnitude aquém do esperado na intimidade emocional, mas com magnitude elevada com a sexualidade o que atesta a convergência do SSDQ com a variável diretamente relacionadas, i.e., satisfação com a sexualidade conjugal. Em termos de aceitabilidade, o presente trabalho reforça a qualidade do questionário na diferenciação dos indivíduos no constructo avaliado. Este trabalho apresenta diferentes limites, que não podem deixar de ser referidos. O primeiro prende-se com a constituição da nossa amostra, a qual, sendo de conveniência, não é por isso suscetível de ser representativa da população portuguesa. A ausência no nosso protocolo de investigação de um instrumento de referência que permitisse calcular a validade de critério (e.g., a nível da satisfação sexual) ou para determinar a validade divergente deste instrumento (por exemplo, uma medida de autorrevelação geral) constituiu outra das limitações do presente trabalho.

Apesar das limitações atrás referidas, este questionário apresentou apreciáveis indicadores de robustez, aconselhando-se que futuros estudos devam incluir recolha de amostras com maior diversidade, seja ao nível dos intervenientes na relação, como por exemplo estudando casais do mesmo sexo, ou abordando participantes de diferentes tipos de relação e/ou de compromisso, (e.g., relações poliamorosas ou pessoas sem relação de compromisso), assim como população com perturbações sexuais, ou ainda, o estudo da invariância em grupos de interesse teórico (por exemplo, pessoas com e sem problemas conjugais e sexuais). Seria igualmente pertinente avaliar a praticabilidade do SSDQ, relativamente ao tempo e ao grau de dificuldade do seu preenchimento, através, por exemplo, do tempo médio despendido.

Concluindo, podemos afirmar que a versão portuguesa do SSDQ demonstrou possuir evidências de validade fatorial e convergente, bem como de fiabilidade. No seu conjunto, trata-se de um instrumento com boas qualidades psicométricas, que segue a estrutura unidimensional proposta por Byers e Demmons (1999), de fácil compreensão e de preenchimento breve, o que sugere que a medida é adequada para a avaliação da autorrevelação sexual, considerando-se assim, que este instrumento reúne características que lhe permitem a sua utilização em contexto de investigação.

REFERÊNCIAS

- Bradbury, T. N., Fincham, F. D., & Beach, S. R. H. (2000). Research on the nature and determinants of marital satisfaction: A decade in review. *Journal of Marriage and Family*, 62(4), 964-980. doi: 10.1111/j.1741-3737.2000.00964.x
- Bryant, F. B., & Yarnold, P. R. (1995). Comparing five alternative factor-models of the Student Jenkins Activity Survey: Separating the wheat from the chaff. *Journal of personality assessment*, 64(1), 145-158. doi: 10.1207/s15327752jpa6401_10
- Byers, E. S., & MacNeil, S. (1997). The relationships between sexual problems, communication, and sexual satisfaction. *The Canadian Journal of Human Sexuality*, 6(4), 277. doi: 10.1080/00224490802398399
- Byers, E. S., & Demmons, S. (1999). Sexual satisfaction and sexual self-disclosure within dating relationships. *Journal of Sex Research*, 36(2), 180-189. doi: 10.1080/00224499909551983
- Byers, E. S. (2005). Relationship satisfaction and sexual satisfaction: A longitudinal study of individuals in long-term relationships. *Journal of sex research*, 42(2), 113-118. doi: 10.1080/00224490509552264
- Chesney, A. F., Blakeney, P. E., Cole, C. M., & Chan, F. A. (1981). A comparison of couples who have sought sex therapy with couples who have not. *Journal of sex & marital therapy*, 7(2), 131-140. doi: 10.1080/00926238108406099
- Chiou, W. B., & Wan, C. S. (2006). Sexual self-disclosure in cyberspace among Taiwanese adolescents: gender differences and the interplay of cyberspace and real life. *CyberPsychology & Behavior*, 9(1), 46-53. doi: 10.1089/cpb.2006.9.46
- Clark, M. S., & Reis, H. T. (1988). Interpersonal processes in close relationships. *Annual review of psychology*, 39(1), 609-672. doi: 10.1146/annurev.ps.39.020188.003141
- Cupach, W.R., & Metts, S. (1991). Sexuality and communication in close relationships. In K. McKinney & S. Sprecher (Eds.), *Sexuality in close relationships* (pp. 93-110). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Derlega, V. J., & Stepien, E. G. (1977). Norms regulating self-disclosure among Polish university students. *Journal of Cross-Cultural Psychology*, 8(3), 369-376. doi: 10.1177/002202217783009

- Dias, J. (2009). A satisfação conjugal, a depressão e a sexualidade na terceira idade. *Tese de Mestrado*. Universidade do Porto
- Dunbar, R., Marriot, A., & Duncan, N. (1997). O comportamento humano de conversação. *Human Nature*, 8, 231-246. doi: 10.1007/bf02912493
- Fisher H., (2008). "*Porque Amamos*" (M. Periquito, Trad.). Lisboa: Relógio D`Água Editores. (Obra original publicada em 2004)
- Glenn, N. D., & Weaver, C. N. (1981). The contribution of marital happiness to global happiness. *Journal of Marriage and the Family*, 161-168. doi: 10.2307/351426
- Gottman, J. M., & Krokoff, L. J. (1989). Marital interaction and satisfaction: a longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57(1), 47-62. doi: 10.1037//0022-006x.57.1.47
- Hair, J. F. Jr., Anderson, R. E., Tatham, R. L. & Black, W. C. (1995). *Multivariate Data Analysis* (3rd ed). New York: Macmillan.
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B. J., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analysis* (7rd ed). Upper Saddle River, NJ: Prentice Hall.
- Herold, E. S., & Way, L. (1988). Sexual self-disclosure among university women. *Journal of Sex Research*, 24(1), 1-14. doi: 10.1080/00224498809551394
- Hilari, K., Byng, S., Lamping, D. L., & Smith, S. C. (2003). Stroke and Aphasia Quality of Life Scale-39 (SAQOL-39): Evaluation of Acceptability, Reliability, and Validity. *Stroke*, 34(8), 1944–1950. doi:10.1161/01.str.0000081987.46660.ed
- Hoch, Z., Safir, M. P., Peres, Y., & Shepher, J. (1981). An evaluation of sexual performance—comparison between sexually dysfunctional and functional couples. *Journal of sex & marital therapy*, 7(3), 195-206. doi: 10.1080/00926238108405804
- Homans, G. C. (1961). Social behavior in elementary forms. A primer of social psychological theories. Monterey, CA: Brooks/Cole Publishing Company.
- Jourard, S. M. (1971). *Self-disclosure: An experimental analysis of the transparent self*. New York, NY: Wiley-Interscience
- Jourard, S. M., & Lasakow, P. (1958). Some factors in self-disclosure. *The Journal of Abnormal and Social Psychology*, 56(1), 9-98 doi: 10.1037/h0043357
- Kaslow, F. W., & Hammerschmidt, H. (1993). Long term “good” marriages: The seemingly essential ingredients. *Journal of Couples Therapy*, 3(2-3), 15-38. doi:10.1300/j036v03n02_04

- Kaslow, F., & Robison, J. A. (1996). Long-term satisfying marriages: Perceptions of contributing factors. *American Journal of Family Therapy*, 24(2), 153-170. doi: 10.1080/01926189608251028
- Kaslow, F. W., Hansson, K., & Lundblad, A. M. (1994). Long term marriages in Sweden: And some comparisons with similar couples in the United States. *Contemporary Family Therapy*, 16(6), 521-537. doi: 10.1007/bf02196845
- Kennedy, P. (1992). *A Guide to Econometrics*. Oxford: Blackwell.
- Kline, R. B. (2004). *Beyond significance testing: Reforming data analysis methods in behavioral research* (2.a ed.). Washington, DC: American Psychological Association.
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (2005). Dyadic assessment of sexual self-disclosure and sexual satisfaction in heterosexual dating couples. *Journal of Social and Personal Relationships*, 22(2), 169-181. doi: 10.1080/00224490802398399
- MacNeil, S., & Byers, E. S. (2009). Role of sexual self-disclosure in the sexual satisfaction of long-term heterosexual couples. *Journal of Sex Research*, 46(1), 3-14. doi: 10.1080/00224490802398399
- Melikian, L. H. (1962). Self-disclosure among university students in the Middle East. *The Journal of Social Psychology*, 57(2), 257-263. doi: 10.1080/00224545.1962.9710924
- Minuchin, S. (1990). *Famílias – funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Narciso, I. (2001). *Conjugalidades satisfeitas mas não perfeitas - À procura do padrão que liga*. Tese de Doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa;
- Narciso, I., & Costa, M. E. (1996). Amores satisfeitos, mas não perfeitos. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 11-13.
- Norgren, M. B. P., Souza, R. M., Kaslow, F., Hammerschmidt, H., Sharlin, S. A. (2004). Satisfação conjugal em casamentos de longa duração: uma construção possível. *Estudos de Psicologia*, 9(3), 575-584. doi: 10.1590/s1413-294x2004000300020
- Olson, D. H. (2000). Circumplex model of marital and family systems. *Journal of Family Therapy*, 22(2), 144-167. doi: 10.1111/1467-6427.00144

- Purnine, D. M., & Carey, M. P. (1997). Interpersonal communication and sexual adjustment: the roles of understanding and agreement. *Journal of consulting and clinical psychology*, 65(6), 1017. doi: 10.1037//0022-006x.65.6.1017
- Quina, K., Harlow, L. L., Morokoff, P. J., Burkholder, G., & Deiter, P. J. (2000). Sexual communication in relationships: When words speak louder than actions. *Sex Roles*, 42(7-8), 523-549. doi: 10.1023/a:1007043205155
- Rehman, U. S., Rellini, A. H., & Fallis, E. (2011). The importance of sexual self-disclosure to sexual satisfaction and functioning in committed relationships. *The journal of sexual medicine*, 8(11), 3108-3115. doi: 10.1111/j.1743-6109.2011.02439.x
- Sánchez-Fuentes, M., Santos-Iglesias, P., & Sierra, J.C. (2014). A systematic review of sexual satisfaction. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 14(1), 1-86. doi:10.1016/S1697-2600(14)70038-9
- Sharlin, A. S, Kaslow, F., & Hammerschmidt, H, (2000). *Together through thick and thin: a multinational picture of long-term marriages*. Nova York: The Haworth Clinical Practice Press.
- Snell Jr, W. E., Belk, S. S., Papini, D. R., & Clark, S. (1989). Development and validation of the sexual self-disclosure scale. *Annals of Sex Research*, 2(4), 307-334. doi: 10.1007/bf00849749
- Tabachnick, B. G. & Fidell, L. S. (2012). *Using multivariate statistics* (6a ed.). Boston: Allyn and Bacon.
- Tamir, D. I., & Mitchell, J. P. (2012). Disclosing information about the self is intrinsically rewarding. *Proceedings of the National Academy of Sciences*, 109(21), 8038-8043. doi: 10.1073/pnas.1202129109
- Torres, Anália (1996), *Divórcio em Portugal, ditos e interditos: uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora.
- Wheless, L. R., Wheless, V. E., & Baus, R. (1984). Sexual communication, communication satisfaction, and solidarity in the developmental stages of intimate relationships. *Western Journal of Speech Communication*, 48, 217-230. doi:10.1080/10570318409374158
- Yoo, H., Bartle-Haring, S., Day, R. D., & Gangamma, R. (2014). Couple communication, emotional and sexual intimacy, and relationship satisfaction. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 40(4), 275-293. doi: 10.1080/0092623x.2012.751072

Ziv-Beiman, S. (2013). Therapist self-disclosure as an integrative intervention. *Journal of Psychotherapy Integration*, 23(1), 59. doi: 10.1037/a0031783